

O TEOR TESTEMUNHAL DOS RESQUÍCIOS DE ESCRAVIDÃO NOS VERSOS DE LOBIVAR MATOS

— WASHINGTON BATISTA LEITE
— PAULO BUNGART NETO

RESUMO O presente artigo investiga os poemas do intelectual Lobivar Matos como um arcabouço de teor testemunhal, destacando como suas obras *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá: poemas* (1936) testificam narrativas vivenciadas na cidade de Corumbá, na década de 1930, antes da divisão do estado do Mato Grosso. Ao escrever sobre o poeta corumbaense, o estudo se concentra no labor de sua escrita enquanto literatura e memória cultural do estado, evidenciados em cada verso que desconstrói as dores que alicerçam sua poética. O trabalho aborda também as histórias locais dos bairros de negros e serviços análogos à escravidão, frequentemente negligenciadas pelos projetos globais, mas que ganham voz nos poemas de Lobivar Matos. A análise de seu testemunho se dá em contexto de extrema pobreza, dor, sofrimento e miséria dos bairros marginalizados de Corumbá, ressaltando a importância de sua expressão poética. A pesquisa considera influências ideológicas e epistemológicas diversas, refletindo sobre a história da colonização e seus impactos sociais e territoriais. A escrita está organizada em três tópicos principais que abordam o espaço, a época, a vivência e as produções do poeta na década de 1930, tendo como aporte teórico Márcio Seligmann-Silva (2010) e Paul Ricoeur (2007).

Palavras-chave: Lobivar Matos; Poesia de testemunho; Corumbá.

ABSTRACT *This article examines the poetry of the intellectual Lobivar Matos as a framework of testimonial theory, highlighting how his works *Areôtorare: poemas boróros* (1935) and *Sarobá: poemas* (1936) bear witness to lived narratives in the city of Corumbá during the 1930s, prior to the partition of the state of Mato Grosso. Focusing on the Corumbaense poet, the study emphasizes his writing as both literature and cultural memory of the state, evident in each verse that deconstructs the pains underlying his poetics. The work also addresses local histories of Black neighborhoods and forms of labor analogous to slavery, often overlooked by global narratives but given voice in Lobivar Matos's poems. The analysis of his testimony is situated within contexts of extreme poverty, pain, suffering, and marginalization in Corumbá's peripheral neighborhoods, underscoring the significance of his poetic expression. The research considers diverse ideological and epistemological influences, reflecting on the history of colonization and its social and territorial impacts. The discussion is structured into three main topics, exploring space, temporality, lived experience, and the poet's productions in the 1930s, drawing on theoretical contributions from Márcio Seligmann-Silva (2010) and Paul Ricoeur (2007).*

Keywords: Lobivar Matos; Testimonial poetry; Corumbá.

INTRODUÇÃO

A temática principal do artigo será compreender os poemas do escritor Lobivar Matos pela ótica do testemunho histórico a respeito dos resquícios de escravidão presentes na cidade de Corumbá-MS, compreendido aqui na posição de *testis*¹, sobretudo em suas coletâneas *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936), as quais podem ser consideradas como testemunho da memória cultural do estado. Geralmente histórias locais, de bairros de negros e/ou de serviços em situações análogas à escravidão ainda são deixadas de lado pelos projetos globais, os testemunhos se reportam, a contrapelo, a narrativas de entrelugares que importam (Adichie, 2009).

Há aqui, sem dúvida, um diálogo entre memória e dever (Ricoeur, 2007)² que afiança a ideia de que, no caso de Lobivar Matos, a modalidade de testemunho seria explorar a relação de extrema pobreza, dor, sofrimento e miséria dos bairros de negros postos à margem do porto corumbaense.

Discorrer sobre esse testemunho é também ler as narrativas de um processo longo, com apontamentos positivos e nocivos das correntes ideológicas e das mais variadas epistemologias, à luz do conceito de Márcio Seligmann-Silva segundo o qual “[...] a palavra de ordem é anarquizar para *recoleccionar* as ruínas dos arquivos e reconstruí-las de forma crítica” (2006, p. 141, grifo nosso). *Tout court*, falar da história de um povo é falar de um discurso da colonização, de um povo colonizado, de um colonizador, de problemas sociais e de um território particular.

Para tanto, o artigo será organizado em três tópicos. O primeiro, “Corumbá, o lugar da evidência”, traz a proposta de dialogar sobre o espaço territorial do qual o testemunho parte e do fato de não ser possível desvincular o testemunho desse *locus*, ou seja, o *testis*, ou narrador, apresenta esse cenário de memória local em forma de poesia testemunhal, o que será explicado com mais detalhe nesse subitem.

Em um segundo momento, “Lobivar, o *testis*”, o recorte epistemológico será pautado no *bios* do poeta que, por opção epistêmica, escolhe narrar geoistoricamente sua memória nos versos poéticos e sempre remetendo a observações testemunhais de sofrimento e luta de uma população com vivências reais e que foram esquecidas e deixadas de lado por fatores não só históricos como de atravessamento de resquícios de escravidão.

Por fim, não menos importante, para concluir as ideias propostas, o subtópico “O teor testemunhal dos poemas de Lobivar Matos” apresentará como a poesia do autor evidencia a maneira pela qual a fronteira, o povo, a memória e todos os simulacros acontecem em seu fazer poético e como impactam a história, ao mesmo tempo que afetam a memória local e contribuem para que os projetos globais abafem e distanciem esse discurso.

Sendo assim, a análise da literatura lobivariana levará em conta o espaço e a relação da vida do escritor com a época em que se passa o testemunho, mais precisamente na década de 1930, na cidade de Corumbá-MS. Ainda na esteira de Seligmann-Silva (2008, p. 71), cabe “[...] uma revisão da noção de literatura justamente porque do ponto de vista do testemunho ela passa a ser vista como indissociável da vida, a saber, como tendo um compromisso com o real”. Tratar-se-á a questão do espaço com ênfase na cidade fronteira de Corumbá, de passagem e trânsito, e um porto com fluxo de chegada e saída; um período histórico repleto de nuances econômicas e políticas e um poeta que fotografou em forma de poesia registros importantes para análise, como veremos a seguir.

1. Existem vários graus de testemunho. O *testis* é como um “terceiro” que, nesse caso, presenciou a realidade corumbaense, viu as situações e “testemunhou” o que viveu. Cabe destacar que no artigo “O local do testemunho” Seligmann-Silva refere-se a este conceito como tendo início com Émile Benveniste, que apresenta esse testemunho relacionando-o à testemunha, no sentido de “o que vê”, e aproximando-o aos paradigmas da historiografia como da cena do tribunal. Sendo assim, o termo mantém ecos de sua origem em “terstis”, terceiro, enquanto instância para decisão em um julgamento entre duas partes.

2. Debate que se iniciou na França, no início dos anos 1990, através da expressão “*devoir de mémoire*”. A primeira ocorrência da expressão pode ser encontrada em um discurso de Louis Mexandeau, como uma forma especial de responsabilidade em relação ao passado.

CORUMBÁ, O LUGAR DA EVIDÊNCIA

Um dia, de um sol ardente,
 plantei minha vida
 na harmonia adolescente de meus versos...
 um dia, tempestuoso de chuva
 hei de colher minha morte
 no ritmo incerto dos meus versos...
 (Matos, 1935, p. 30)³

Não há como desvincularmos o testemunho do lugar de evidência do qual adveio o acontecimento. Entre as décadas de 1930 e 1940, uma boa quantidade de publicações, livros, poemas ou periódicos foi realizada no cenário de Corumbá sob as mãos de Lobivar Matos, ou, como sugere a epígrafe, “na harmonia de seus versos” (1935), até então, ainda Mato Grosso, cidade que era uma das principais do estado, com espaço deslumbrante, ricas em minérios, riquezas e calor (Matos, 1932).

É muito comum, ao lermos o poeta, encontrarmos referências ao cenário de Corumbá, percorrendo sobre a luz, o calor, os espaços e os habitantes da cidade. No contexto do espaço como representação de um testemunho, deve-se levar em conta que a literatura regionalista será, então, um espaço de ambientação local que buscará incorporar elementos da identidade sul-mato-grossense e de um estado com marcas locais dos indígenas e negros escravizados que sofreram a colonização e o silenciamento.

Seligmann-Silva (2010), no capítulo “O local do testemunho”, descreve esse *locus* que assume a possibilidade de deslocamento entre a cena histórica e o tempo em que se escreve a história, ou seja, o poeta, ao escrever, cria a memória local de um arquivo testemunhal com capacidade de registrar a história e as vivências dessa população, pois lhe cabe então “entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso” (Seligmann-Silva, 2010, p. 5).

Os poemas de Lobivar situados em Corumbá narram a miséria, o fluxo dos rios e eventos que perpassam o “real” do que acontecia no período da publicação; outro fator seria o marco temporal dos poemas, considerando todo o contexto da época. Seligmann-Silva explana:

Se o “real” pode ser pensado como um “desencontro” (algo que nos escapa como o sobrevivente o demonstra a partir de sua situação radical), não deixa de ser verdade que a linguagem e, sobretudo, a linguagem da poesia e da literatura, busca este encontro impossível (Seligmann-Silva, 2010, p. 5).

Um exemplo desse espaço real, lugar de evidência, é o poema “Sarobá”, em que os versos apresentam um bairro de negros em situação de extrema pobreza, a presença constante de serviços análogos à escravidão e problemas comuns à história de toda a América Latina, como dificuldades socioeconômicas e direitos humanos desrespeitados. Observam-se também discursos de cunho autobiográfico (particular) e do espaço histórico (coletivo), um entrelugar com a necessidade de uma epistemologia que leia as particularidades e especificidades de um estado de passagem e seus atravessamentos.

3. Poema de título “Ritmo Novo”.

Na leitura do espaço onde se passam as histórias podemos fazer uma analogia entre a poesia produzida e o teor testemunhal, já que o bojo da discussão é de cunho pessoal e as histórias locais vivenciadas são apagadas pelos sujeitos que não frequentavam o local, como afirma o poeta: “[...] lugar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando o fazem se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente. Sentem repugnância e nada mais, porque os infelizes continuam a vegetar em completo abandono, como se não fossem criaturas humanas” (Matos, 1936, p. 5).

A partir dessas reflexões, o espaço da cidade de Corumbá é narrado como um local esquecido, localizado na Nhecolândia, zona pantaneira, lugar sujo e esquecido que “só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fora daí a Favela em ponto menor é o templo eterno da Miséria” (Matos, 1936, p. 5). Esse excerto ilustra a importância de pensarmos no impacto da poesia como uma narrativa de justiça social no Brasil, no significado histórico da cidade de Corumbá e na reflexão social dessa escrita.

Pela citação do prefácio posta anteriormente, fica esclarecida a questão do poeta de privilegiar a memória local, ora recorrendo à significação de termos para sintetizar suas raízes, ora colocando em evidência alguns costumes de sua gente. Dessa forma, Lobivar traz uma representação diferente do contexto da cultura brasileira veiculada pelo Modernismo dos anos 1930, tendo o então Mato Grosso indiviso como um modelo alternativo e diferenciado de discussão de inclusão social, incipiente àquela altura.

Sua poesia tem como tratativa as memórias subalternas latino-americanas da cidade branca que, na época, ainda não era conhecida dos grandes centros a não ser pela alta produtividade do porto, tendo a exploração do trabalho dos negros como seu foco principal. Em meio a essa geografia de obediência traiçoeira entre colonizadores e colonizados, como se afirma acima, tem-se um espaço de *entrelugares* marcados pelo mapa sanguinolento e dividido, onde se encontra a poesia de Lobivar Matos, como veremos a seguir.

LOBIVAR, O TESTIS

[...] Hoje os poetas refletem os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem. [...] Quebrando os velhos moldes, abandonando temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos parias sem pão, sem amor e sem trabalho. [...] Esse é o papel dos poetas de minha geração (Matos, 1935, pp. 7-8).

Lejeune considera, com Ricoeur, que somos *hommes-récits* (homens-narrativas) (2009) e, não obstante, presencia-se o poeta que escreve da fronteira-sul e que apresenta as condições sociais de uma cidade refletidas em sua poética e em sua escrita biográfica (Klinger, 2006), intrínseca ao *testis*, uma vez que seu devir intelectual foi o de expor situações vivenciadas em Corumbá.

As obras poéticas de Lobivar Matos, situadas no Brasil de 1930, sobretudo a partir do *locus* da cidade de Corumbá, se aproximam da recuperação de experiências pessoais e coletivas de sua comunidade. O próprio autor se coloca como adiante de seu tempo (Matos, 1935). Na introdução de seu livro de 1936 o poeta afirma:

[...] eu me arrisco, posso dizer, num lance de coragem e de audácia, a publicar este livro [*Areôtorare*]. Faço-o em parte, contentíssimo, na suposição de que contribuo de algum modo para a poética nacional (Matos, 1936, p. 5).

Esse risco, de falar algo que julga, talvez, que não se deva, se aproxima do que Seligmann-Silva conceitua e denomina de *testis*, ou seja, a pessoa que testemunha situações difíceis de enfrentamentos dos mais variados fatores, levando em consideração a interação não apenas de quem escreveu como experivenciador, mas sim como articuladora de experiências pessoais e coletivas frente aos traumas e injustiças históricas de determinada época, mais precisamente Corumbá, numa década recheada de situações sociopolíticas críticas no Brasil, o que lembra o já mencionado “dever da memória” (Heymann, 2006)⁴.

A partir do conceito do teórico Seligmann-Silva (2010), pensamos que Lobivar Matos, nos seus livros ou demais produções intelectuais, abrange as memórias locais em contextos de relação com o “real”, real esse que pode ser pensado como um “desencontro (algo que nos escapa como o sobrevivente o demonstra a partir de sua situação radical), não deixa de ser verdade que a linguagem e, sobretudo, a linguagem da poesia e da literatura, busca este encontro impossível” (Seligmann-Silva, 2010, p. 6). Assim, a realidade transmitida nos versos relata as situações vividas para além do conceito etimológico da palavra e pretende de forma particular trazer esse trauma na literatura, ao mesmo tempo que atuam como ferramenta de construção de testemunhos de lutas contínuas.

Lobivar Matos não assume apenas uma opção descolonial testemunhal e o desatamento de nós na história, como a promoção de reflexões de uma violência histórica, que pode ser chamada de epistemicamente desobediente, já que, numa perspectiva global, sua inclinação de pensar e agir fogia de padrões pré-estabelecidos. Os bairros, as festas, os acontecimentos, tudo o que é desenhado em cada estrofe é perpassado por um testemunho que levanta questões de verdade e representação, relativas a populações em regime de servidão, como no verso “negra turberculosa escarrando sangue” (Matos, 1936, p. 10).

Algo a se considerar do discurso do *testis* é a paisagem da vida-entre-fronteiras, uma vez que, em meio à precariedade e ao sofrimento, a cultura do estado está a todo momento também sendo testemunhada como uma maneira de compreender e ler as situações históricas e pessoais, fato relevante por ser contínuo nos testemunhos marcados por autenticidade e representação particular de costumes e de vivências reais do escritor, lembrando que os “caminhos da memória e do esquecimento do mal sofrido passam também pela construção da história” (Seligmann-Silva, 2010, p. 5).

Resta dizer que o poeta é dono de um olhar crítico e realista das mazelas dos bairros. Em momento algum prende-se às supostas facilidades de uma escrita sem personalidade e que não trouxesse um posicionamento político. Seu discurso testemunhal pensava no desafio de não ser lembrado, de ser o “poeta desconhecido” (1935).

Nessa maneira biocrítica de sua escrita temos um discurso de dor e conflitos, mas que se faz necessário para pensar nos problemas estruturais do país, pois materializa o que será discutido no item seguinte, que, em suma, forja não apenas um estilo de pensar e escrever típico da geração de 1930, mas vai além de características de escola e de época.

4. Ver Luciana Quillet Heymann em “O *devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos” (2006).

O TEOR TESTEMUNHAL DOS POEMAS DE LOBIVAR MATOS

A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. [...] Essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive em um meio hostil ou surdo não constituem o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista (Bosi, 2000, p. 165).

Como dito anteriormente, poderíamos levar em conta a proeminência das produções lobivarianas para análise e leituras sobre o teor testemunhal de sua escrita. Doravante, justificando a extensão e proporção que exigiria, não reduzindo a importância de seus poemas, a leitura será feita com poemas de *Areôtorare* (1935) e com a poesia intitulada “Sarobá” do livro *Sarobá* (1936), uma vez que, com alguns versos, será possível trazer para o centro do debate a questão territorial e alguns acontecimentos observados do contexto vivido pelos indivíduos deste bairro miserável de afrodescendentes de Corumbá e, bem como Bosi (2000) afirma na epígrafe, a poesia como resistência e como produção historicamente documental.

Lolito, apelido carinhoso que recebeu da família, na introdução de seu livro, explana que, em 1936, embora a época fosse de renovações e revoluções sociais, não era um tempo favorável para a poesia nem para os poetas, e afirma que, “[...] num lance de coragem e de audácia, [decide-se] a publicar este livro. Faço-o em parte, contentíssimo, na suposição de que contribuo de algum modo para a poética nacional” (Matos, 1936, p. 5).

Em *Areôtorare*, é comum nas poesias elementos que podem ser associados a situações de colonização, resquícios de escravidão, miséria e trabalhos excessivos da população corumbaense servindo aos donos da indústria e detentores do poder na época. Cabe ressaltar que a região é historicamente marcada pelo avanço econômico da ocasião e pela exploração, não só de mão de obra, como também de minérios e pecuária.

Sobre a afirmação acima, conforme Vianna et al. (2016, p. 125): “o comércio crescia e os exportadores abriam filiais em todo o mundo. Um álbum gráfico editado em 1914, em Hamburgo, relata que cento e quarenta e dois navios do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, aportaram em Corumbá naquele ano”. Lobivar Matos em *Areôtorare*, mais precisamente na poesia “Homens e pedras”, testemunha algumas imagens, como é possível ler a seguir:

O encarregado da pedreira, um sujeito forte,
 Cara de português e de verdugo,
 Dá uma volta pelo racho de madeira
 E, em seguida, o sino badala
 Chamando os operários para a luta.
 Pobres operários! Ignorantes, inconscientes, rudes
 Voltam à refrega. E, no espaço de um minuto,
 Onde o silêncio era profundo, agora
 O barulho é medonho.
 (Matos, 1935, p. 13)

Como o próprio título assegura, a situação perpassa um cenário de trabalho árduo em que de início se descreve o encarregado, apresentado como “cara de português e de verdugo”, remetendo à figura do colonizador opressor e evocando também uma imagem da hierarquia colonial, em que o

português (colonizador) aparece em sua posição de poder estruturalmente herdada do período, quando a população era obrigada a trabalhar de maneira coercitiva, degradante e desumana, e reforçada por operários postos como “ignorantes, inconscientes, rudes”.

Dando continuidade na leitura do poema, não menos importante, observa-se a figura do sino badalando, que sugere a reflexão do tempo de retorno ao trabalho. Símbolo de controle, similar ao que abalizava o ritmo de afazeres nos engenhos coloniais da década, esse sino pode simbolizar também o testemunho que ecoa como um som ressoando essa injustiça social. Desse modo, Seligmann-Silva (2018)⁵, ao trazer os termos *desloucar* e *anarquivar* (grifos nossos), afiança que é possível então segredos serem revelados e o que foi banido ou extirpado do escopo de um discurso ser reconstruído e colocado em circulação.

Sob os pensamentos de Seligmann-Silva, observa-se que a observação dos sujeitos escravizados é um testemunho de sofrimento e esse arquivo sofre desse mal em que a violência estrutural se repete em forma de rotina (“voltam à refrega”). Nesse momento, o verbo denota certa continuidade, como se fossem inúmeras as vezes em que esse retorno acontece, sendo uma condição de lamento e sistema de subalternidade.

Na passagem “o barulho é medonho”, como se mudasse a cena logo após um longo silêncio, é instalada a opressão, e o tempo de descanso vai embora rapidamente em benefício dos chefes: a violência da modernização e do progresso custava a servidão dos corumbaenses, negros e indígenas, com rastros da desigualdade e nessa alegoria de colonização portuguesa perpetuando, a dominação do garimpo, entre homens e pedras.

No poema “Sarobá”, o teor testemunhal é descrito em versos que não remetem só ao passado escravista da população de Corumbá como à evocação da desumanização, da violência colonial e das condições degradantes de vida de afrodescendentes e moradores da região. As imagens em cada verso engendram uma herança de dor e sofrimento, explicitando situações análogas à escravidão que perduravam em pleno século XX.

Bairro de negros
negros descalços, camisa riscada,
beiçolas caídas,
cabelo carapinhé;
negras carnudas rebolando as curvas,
bebendo cachaça;
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
negrinhos correndo doidos dentro do mato,
chorando de fome.
Bairro de negros,
casinhas de lata,
água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama;
roupa estendida na grama;
esteira suja no
chão duro socado;
lampeão de querosene piscando no escuro;
negra abandonada na esteira tossindo
e batuque chiando no terreiro;
negra tuberculosa escarrando sangue,

5. Ver Márcio Seligmann-Silva em “Desloucamentos: língua errante/apátrida” (2018). Nesse artigo, o escritor desenvolve a noção de língua como “desloucamento” a partir de seis casos.

afogando a tosse sêca no éco de uma voz mole
 que se arrasta a custo
 pelo ar parado.
 Bairro de negros,
 mulatas sapateando, parindo sombras magras,
 negros gozando,
 negros beijando,
 negros apalpando carnes rijas;
 negros
 pulando e estalando os dedos
 em requebros descontrolados;
 vozes roucas gritando sambas malucos
 e sons esquisitos agarrando
 e se enroscando nos
 nervos dos negros.
 Bairro de negros,
 chinfrin, bagunça,
 Sarobá.
 (Matos, 1936, p. 10)

Maria José Rodrigues Faria Coracini (2010), em “A memória de Derrida”, comenta que a memória é constituída por um número incontável de espectros, fantasmas ou fragmentos de sujeitos que atravessa(ra)m a existência e, assim sendo, entende-se que a constituição do arquivo é feita de acordo com o teor testemunhal que cada um apresenta. Esse arquivo, combinado, nesse caso, ao testemunho, se constitui formando a evocação do bairro Sarobá, dor e cicatriz que Corumbá carrega em sua história.

O teor testemunhal de “Sarobá” é de um espaço subalterno, marginal e posto na periferia. A forma de pensar e agir dessa fronteira, inclusive e principalmente a partir deste *locus*, exige uma leitura de exploração e constante sofrimento: o registro poético e autobiográfico, como lemos acima, é como um diário carregado de indizibilidade (Seligmann-Silva, 2010) ou como um campo de lembranças estarrecedoras.

No poema, destaca-se o verso “Negros descalços, camisa riscada, beiçolas caídas”, que remete à situação precária da vestimenta ou à inexistência dela, muito comum nos sujeitos afrodescendentes pós-abolição, como podemos ler em obras da mesma época como *Casa-Grande & Senzala* (2001, p. 413) de Gilberto Freyre: “Os meninos andando nus ou de sunga-nenê. Os grandes, de chinelos sem meia; de pés descalços; os senhores de engenho, de chambre de chita por cima das ceroulas; as mulheres, de cabeção”.

A morada de “lata e lama”, além disso, é tema recorrente em obras sobre o espaço que os quilombos conseguiam conquistar e sobre a opressão que os afrodescendentes sofriam, sem contar trechos como “Negras carnudas rebolando as curvas, bebendo cachaça”, testemunhando cenas de estereótipos colonialistas de um corpo negro objetificado/sexualizado e de embriaguez.

Em *O negro e a conquistada abolição* (2003), Eduardo Silva destaca em vários momentos a extrema falta de recursos e as condições deploráveis de vida, como é possível observar no verso “Neguinhas sugando as mamas murchas das negras”. Essa representação da amamentação das crianças subnutridas por mulheres negras que, muitas vezes, amamentavam também os filhos de senhores, demonstra a dor e o vínculo de situações de escravidão. Assim como nos versos

“Neginhos chorando de fome” e “Negra tuberculosa escarrando sangue”, a exclusão e a fome, a doença e a vida quase letais são muito bem ambientadas em *Necropolítica* (2018), de Achille Mbembe. Embora sua reflexão acerca do biopoder se refira a outro contexto, observa-se que, diante de variados conceitos, sempre será insuficiente a explicação desses testemunhos para dar conta de narrar a vida submissa ao poder da morte dessa população posta à margem.

Quarto de Despejo (2014), originalmente publicado em 1960 por Carolina Maria de Jesus, também estabelece esse diálogo de um testemunho que marca a negligência estatal, em que a fome, a tuberculose e a vida na favela corroboram o abandono histórico, social e político que os sujeitos afrodescendentes enfrentam na história brasileira. Uma “Negra abandonada na esteira tossindo” ilustra a solidão de um corpo que sofreria apenas o descarte, ocupando lugar na memória abaixo da terra em algum buraco de Corumbá.

Esse “Eco de uma voz mole que se arrasta” pode encerrar essas leituras, como o teor testemunhal que se arrasta ainda na atualidade, mas não mais como uma supressão, como Silvano Santiago propôs em *Uma Literatura nos Trópicos* (1978): essa voz negra ganha força e carrega as memórias e a narração de um sistema opressor que existiu e resistiu como lugar de história.

Sobretudo, o teor testemunhal ocupa nas escritas o papel de debate crítico. São vários os poemas que retratam a excludente situação de resquícios da escravidão em meados dos anos 1930. Observa-se nitidamente que os sujeitos afrodescendentes em Corumbá eram um problema social não resolvido e que seria mais fácil apagar essa memória da história local do que assumir a responsabilidade de um passado cruel e frequente em localidades que possuíam porto no Brasil.

Restam assim os questionamentos de uma poesia de testemunho que refunda uma história escamoteada pelo estado e que retrata uma situação necessária de leitura e inscrição, sempre levando em consideração o lugar do testemunho. Como escreveu Walter Benjamin (2012), não é possível termos um monumento cultural que também não seja um monumento da barbárie, que, nesse caso, se aproxima da ideia de que não será possível termos esse testemunho de Corumbá sem que haja esse apagamento histórico.

Eneida Maria de Souza aponta que “um dos traços marcantes da literatura [...] é o alto nível de deslocamento e de estranhamento do sujeito-escritor no discurso, traço que comprova a complexa sensibilidade literária de nosso tempo” (2011, p. 251). E isso Lobivar soube fazer, pois, à frente de seu tempo, rompeu com o simples e defendeu com sagacidade sua posição intelectual e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo ocorrendo a publicação, estes testemunhos não se tornam públicos, no sentido de que não entram na esfera pública. Sem um ouvido, não se dá o testemunho. Testemunhar é um ato que ocorre no presente. Nosso presente ainda não se abriu para estes testemunhos (Seligmann-Silva, 2010, p. 15).

O testemunho acontece no presente, acontece hoje neste texto, aconteceu na sua primeira tentativa feita em 1935 quando foi publicado, e vem sendo aberto como um arquivo revisitado na tentativa de que não se esqueça essa dor, retrato das condições sociais de Corumbá. A tríade, lugar do testemunho, testemunha (*testis*) e testemunho, denuncia que o passado histórico do Brasil ainda possui muitos documentos varridos para debaixo do tapete.

O *testis* em questão é uma figura de importância para o cenário da literatura testemunhal brasileira, assim como deveria ser o papel dos *expertices* da época. *Ex post facto*, cabe lembrar que a fronteira e essa babel de culturas alicerçam sua *poiesis* e formam toda sua composição. Os poemas de testemunho lobivarianos carregam o sofrimento do bairro de negros, sujeitos afrodescendentes em posição análoga à escravidão que, em meio à dor, ainda buscavam uma dinâmica de sobrevivência capaz de tirar proveito da paisagem local, ou melhor, dessa sobrevivência alternativa que restava em meio ao sol, como um “marteleto de ouro furando o espaço” (Matos, 1935, p. 13).

Diante disso, entende-se que a “sua arqueologia é decorrente de sua anarquivação do mundo. Ele desloucha os arquivos e os recria na sua arte. Contra a monolinguagem e a desconstruindo, ele constrói sua arca, salva seus mundos e os transmite” (Seligmann-Silva, 2018, p. 63), ou seja, os testemunhos do poeta laboram como um documento de memória social contrapondo-se à elite opressora da época diante de um povo explorado que foi esquecido, desamparado e deixado às margens.

Portanto, diante do testemunho e da contribuição poética de Lobivar Matos, é possível mapear o escritor que viveu na pele as observações descritas em seus versos sobre os negros, em diálogo com as lendas indígenas dos boróros de *Areôtorare* ou no amargor do bairro de Sarobá. Tais testemunhos desafiam os discursos dominantes e apresentam uma população que confronta a época e só comprova que, em suma, houve sim um avanço, mas que o verdadeiro fim da escravidão ainda está muito distante.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma única história*. Palestra proferida em TED Ideas Worth Streading, Oxford, Reino Unido, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>. Acesso em 04 out 2024.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CORACINI, Maria José R. F. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e sobre-vida. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAI*S: crítica biográfica. v. 2, n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, pp. 125-136.
- HEYMANN, Luciana. *O devoir de mémoire na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 27f. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/45439f4f-e915-4c40-b678-ea70d99b9c5a/content>. Acesso em 07 abr 2025.
- LINS, José Pereira. *Lobivar Matos – o poeta desconhecido*. Dourados: Colégio Oswaldo Cruz, 1994.
- MATOS, Lobivar. *Areôtorare: poemas boróros*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- MATOS, Lobivar. *Sarobá: poemas*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais / Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Literatura, língua e identidade. Rio de Janeiro, n. 34, 2008, pp. 287-324.
- MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistêmica (II), Pensamiento independiente y Libertad De-Colonial. *Otros Logos: revista de estudios críticos*. Neuquém: Universidad Nacional del Comahue - Facultad de Humanidades, ano 1, n. 1, pp. 8-42, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf>>. Acesso em 18 set. 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *PSIC. CLIN.* Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, pp. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Deslucamentos: língua errante/apátrida. *Percurso*, São Paulo, pp. 59-68, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Editora Escuta, 2000, pp. 73-98.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes*. Proj. História, São Paulo (30), pp. 71-98, jun. 2005.

SILVA, Eduardo. O negro e a conquistada abolição. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, pp. 48-57, junho/agosto 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33849/36582>. Acesso em 06 abr 2025.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIANNA, Marielle Assis; LEITE, Milena De Oliveira; TAVARES, Nayara Alonso; LOUREIRO, Maria Bernadete S. A importância do Casario do Porto de Corumbá como patrimônio histórico cultural no desenvolvimento turístico de Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, Campo Grande, n. 27, mai. 2016.

WASHINGTON BATISTA LEITE é mestre em Estudos de Linguagens (PPGMEL/UFMS) e Doutorando em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: tonbatistta@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4846126427102201>.

PAULO BUNGART NETO é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), nos níveis de Mestrado e Doutorado. Contato: pauloneto@ufgd.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2444065863989507>.